

ERRANÇAR: LEITURAS E ESCRITAS EM ERRÂNCIA. UM PEQUENO GLOSSÁRIO DE CONCEITOS DELIGNYANOS

Luciana Pires Alves¹

Carmen Lúcia Vidal Pérez²

Resumo: O artigo investiga como os conceitos delignyanos de zoiar — gesto de olhar infinitivo, anterior à linguagem — e de cartografia podem operar como chaves teórico-metodológicas para pensar escrita, gesto e experiência no campo da educação e da pesquisa. Como objetivo geral, analisa de que modo a leitura de *O Aracniano*, de Fernand Deligny, produz uma cartografia da experiência capaz de registrar rastros do corpo-escrevente sem reduzir o vivido às normas da linguagem convencional. Metodologicamente, adota uma abordagem inspirada na cartografia e na transcrição, compondo um mapa vivo da leitura que se elabora no entre do gesto, do traço, da errância e das tentativas — mais próximo de uma escrita-processo que de uma descrição representacional. Os resultados indicam que a aproximação entre zoiar e grafia possibilita captar modos de ver e de estar no mundo que escapam à centralidade do sujeito e à captura linguística, evidenciando a potência expressiva do traço, do silêncio, do desvio e das presenças mínimas. Conclui-se que a escrita em chave delignyana desloca o pesquisador para um lugar de escuta do fora da linguagem, abrindo outras formas de compreender a experiência educativa e de produzir conhecimento, em que o mapa não representa, mas acompanha e faz vibrar o que emerge no acontecimento.

Palavras-chave: Zoiar; Cartografia; Fernand Deligny; Corpoescrevente; Vacância de linguagem.

ERRANÇAR: READINGS AND WRITINGS IN WANDERING. A SMALL GLOSSARY OF DELIGNYAN CONCEPTS

Abstract: The article investigates how the Delignyan concepts of zoiar — an infinitive, pre-linguistic gesture of looking — and cartography can operate as theoretical-methodological keys for thinking about writing, gesture, and experience in the fields of education and research. Its general objective is to

1 Doutora em Educação pela Universidade federal Fluminense – UFF. Professora adjunta da Faculdade de Formação de Educação da Baixada Fluminense – FEBEF/UERJ. Atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da FEBEF/UERJ.

2 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora adjunta da Faculdade de Educação da UFF. Atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF.

analyze how the reading of *The Arachnoid*, by Fernand Deligny, produces a cartography of experience capable of registering traces of the writing-body without reducing lived experience to the norms of conventional language. Methodologically, the study adopts an approach inspired by cartography and transcreation, composing a living map of reading that takes shape in the in-between of gesture, trace, wandering, and attempts — closer to writing-as-process than to representational description. The results indicate that the approximation between *zoiar* and *grafia* makes it possible to capture ways of seeing and being in the world that escape both the centrality of the subject and linguistic capture, revealing the expressive power of the trace, silence, deviation, and minimal presences. The article concludes that writing in a Delignyan key shifts the researcher toward a position of listening to what lies outside language, opening other ways of understanding educational experience and producing knowledge, in which the map does not represent but rather accompanies and makes vibrate what emerges in the event.

Keywords: *Zoiar*; Cartography; Fernand Deligny; Writing-Body; Vacancy of Language.

O artigo se inspira em dois conceitos deligniano *Zoiar* e Cartografia. Surge da fusão entre *zoiar* — o olhar infinitivo, singular, que Deligny (2015) identifica nas crianças em vacância de linguagem — e *grafia*, escrita ou registro. Sintetiza a ideia de mapa vivo, cartografia da experiência de leitura da obra de *O Aracniano* (2015) de Fernand Deligny e traz rastros do *corpoescrevente*, onde o gesto, o ponto de ver, a errância e as tentativas são registrados sem reduzir a experiência à linguagem convencional ou a normas externas, apontando nossas compreensões dos conceitos delignianos.

Esboça uma transcrição no estilo de Fernand Deligny — autor francês que trabalhou com crianças autistas (com vacância verbal) e marginalizadas. Conhecido por uma escrita densa, fragmentada, poética e reflexiva, muitas vezes desafiando a estrutura convencional da linguagem para explorar o *fora da linguagem*, o *gesto*, o *traço*, o *mapa*. Sua escrita é uma junção de filosofia, pedagogia e literatura, com um tom impessoal, mas profundamente humano; fragmentário, como se os pensamentos surgissem e se perdessem no caminho. Atento ao gesto, à presença, ao *fora da linguagem*, ao acontecer e, fortemente marcado pelo uso do traço, do mapa, da deriva...

A escrita de Deligny se mostra entrelaçada com seus conceitos, como a *vacância de linguagem*, o *corpo-escrevente*, etc. e recusa à centralidade do sujeito e a força do *gesto* e do *traço*. Escrita transmutação que faz reverberar seu conteúdo por meio de um forma de escrever que desconfia da *linguagem* como veículo de verdade, e propõe o *silêncio* como espaço de escuta, que aposta no *desvio* como potência.

Segue abaixo algumas tentativas de compreensão dos conceitos delignianos:

CRIANÇAS AUTISTAS

crianças autistas

não objeto

etnia própria, modos de existir que escapam, modos de sentir que atravessam a
vacância de linguagem, palavras ausentes e gestos presentes

zoiar, ponto de ver,

trajetos, traços ,micropercepções,

linhas de corpo

corpoescrevente.

corpos que escrevem ,movem-se,

não para comunicar mas para

ser, existir, tocar, atravessar

presença próxima,

não ensina,

não projeta,

segue,acompanha e

se deixa atravessar,

aprender com a diferença

cartografia do olhar,

mapa sem mapa,

linha que se estende,

linha que se desvia,

]linha que se perde,

linha que se encontra,

linha que permanece

agir para nada,

apenas existir

somente, mover-se,

somente deixar rastro

GESTO

O gesto não é apenas movimento ou ação física,
nem um simples comportamento observável;
é modo de existência,
linguagem do corpo e produção de sentido no mundo,
especialmente no contexto das crianças autistas.

Cada gesto é uma
singularidade ligado à criança ao contexto,
à situação,
não existe gesto correto

Modo único de existir

Gesto é a expressão sem palavras,
forma de comunicação não-verbal
vacância de linguagem
intenção

emoção

percepção

experiência

sem depender da fala

Gesto, rastro

cartografia do corpo

cartografia do espaço vivido

traços, trajetões, movimentos

não descrição

não interpretação

apenas rastros

Gesto *corpoescrevente*,

o corpo que escreve,

presença no espaço,

trajetórias, movimentos repetições, pequenas ações

escritas de modos de ser

gesto = tentativa= experiência aberta em movimento

aprendizados,

deslocamentos,

novas relações que rompem com o normativo,
escapam dos padrões
e revelam outros modos de ver, agir, sentir
gesto movimento portador de sentido e aprendizagem
situado, singular
e em errância

MAPA

mapa cartografia da experiência
modo de acompanhar
movimentos, gestos e trajetórias.
Zoiar das crianças autistas,
vacância de linguagem verbal
linhas de corpo
deslocamentos
cada *linha um rastro* de existência
cartografia da experiência e do devir
modo de estar no mundo.
Tentativas.

Errâncias.
Intensidades,
potências do corpo
processo contínuo,
não produto final.
sempre aberto
Sempre sujeito a alterações.
Acompanhar de experiências.
Acompanhar a singularidade do outro,
sem impor interpretações,
sem impor normas.
Respeitar *diferentes modos de existir*

Tempo e espaço singulares.
Trajetórias no espaço,
trajetórias no tempo,
não linear,
não cronológico.
Reflete duração,
intensidade,
presença.
Desvio do normativo.
Linhas de errância,
Encontros,
Dispersões.
modos de ser que escapam do esperado
Modos de seguir,
modos de aprender,
modos de capturar ,
movimentos,
intensidades,
diferença
sem reduzir a linguagem
sem reduzir a norma
sem reduzir a representação.
O mapa não é um instrumento de representação,
nem uma *tentativa* de reprodução da realidade de forma objetiva ou precisa.
Ele é um modo de acompanhar,
registrar e experimentar a experiência,
especialmente das crianças autistas em sua singularidade

ESCREVER

Talvez não se trate de dizer.
Nem de escrever.
É um desvio.
Palavras que escapam, que escorregam.
Um texto que não se quer fechado.

Sua escrita não é “explicação”
ou “demonstração”, mas rastros, mapas
pequenas fabulações do cotidiano
O que não sei me move.
Ambivalência dos não-saberes,
fios que se desfiam no próprio ato de escrever.
Fazeres que se confundem com pensares,
tramas que não se fecham.
Viver o texto é uma viagem.
Não viagem de ida e volta, mas de *errância*.
Viajar *com, no, pelo* texto.
E nele me formar.
A tessitura não se finda
Escrever não acaba.
Criação é insistência:
conexões que se fazem todo dia,
que se desfazem,
que se reatam.
Palavras.
Fios finos.
Já puídos.
Elas aprisionam
e libertam.
Escrever é aceitar essa armadilha:
um corpo que escreve e que, escrevendo, se perde.
Corpoescrevente: acontecimento que persiste no vazio.
Que se indetermina.
Que se desloca por entre ruínas de conteúdos,
de expressões,
de certezas.
A escrita não é conclusão.
É rastro.
É vestígio.
É *linha* que se solta no vento e se recusa a ser nó.

OLHAR

Olhar não como quem vê,
mas como quem tateia no escuro.
Um corpo que escreve
mas sem saber bem se escreve ou se traça.
Como linhas que se estendem
sem saber de onde vieram,
nem se pretendem chegar.
Ponto de ver,
olhar infinitivo,
olhar que não se prende,
olhar que põe em xeque os saberes,
olhar que abre fendas no mundo

TEMPO

tempo ≠ nosso tempo,
tempo que não se conjuga,
tempo que se alonga
tempo que pulsa

CARTOGRAFIA

Uma cartografia que. não localiza.
Mas que se faz como quem anda
Errâncias.
As imagens,
as vivências,
as crianças (*autistas com vacância verbal*)
não há o que explicar.
E toda *tentativa* será ponto de vista.
E todo ponto de vista, uma armadilha
O que Deligny nos apresenta é pura *cartografia poética*: pontos que se tornam
linhas, *linhas* que viram *teias*, *teias* que se embaralham e reembaralham. Uma
escrita que se parece com a própria vida em movimento.
Escrita que não se fecha em parágrafo,

mas se abre em *rastros*,
pontos,
linhas, como se fosse um *mapa* em movimento.
Deligny escrevia como quem desenha: interrompe, marca, deixa vestígio.

ERRÂNCIAS

Deligny pergunta:

Como desver o que já vimos?

Como não sentir da maneira como nos ensinaram a sentir?

Como não repetir as violências do homem-que-nós-somos?

Sem palavra.

Sem distinção.

Sem esse hábito de recortar o mundo em dois:

eu / outro

sujeito / objeto

dentro / fora

normal / anormal?

Há histórias que se contam em silêncio.

Ou nem se contam.

Elas acontecem.

Elas insistem.

Elas fazem tremer o chão onde pisamos.

Hóspedes.

Que se lançam.

No meio das coisas,

entre fios, entre restos e começos.

Lugares desconhecidos.

Ou o comum que se fabrica na *dobra do gesto*.

Na escuta que não busca resposta.

No olhar que se deixa afetar..

DERIVA

Rastros de escrita como se fossem fios soltos.

Uma errância que não se resolve, mas se deixar seguir...

Somos hóspedes.

No emaranhado.

Nas Estranhezas.

Pontos. Muitos.

Fios que nos conduzem

rumo a lugares desconhecidos.

Olhar e escutar.

Ser olhada

Ser interrogada pela diferença de um outro

que sacode.

Sem dizer nada.

Sem palavra.

E, ainda assim tudo.

Permito-me olhar para as crianças...

Deixo-me ver

.Mesmo que elas não me enxerguem...

Olho e sou olhada.

Presenças que se cruzam ,

sem captura.

Linhas que se desviam

TENTATIVAS

Deligny via as tentativas como método

Para ele *tentativas* não são erros nem ensaios em direção a um resultado pré-estabelecido.

Elas são, antes, *movimentos de existência*, formas de presença e de experimentação no mundo.

Uma tentativa não visa “acertar” ou produzir um objeto final.

Ela é ação, *experiência e rastros*, visíveis nos gestos, nos movimentos, nos traços ou trajetos dos corpos. não há tentativa correta

Trabalhar com tentativas é aprender, acompanhar, observar como se desdobram, como se repetem, como se transformam,

o conhecimento surge do movimento, não da análise fina.

Tentativa singular.

Cada *tentativa* única

relacionada à criança,

ao contexto,

modos de existir.

Modos de perceber.

Linha de errância.

Caminhos que não se fecham.

Caminhos que se desviam.

Caminhos que se perdem, ou se encontram

Movimentos que deixam *rastro*.

Mapas da experiência que não seguem padrões, não obedecem normas

rompem o esperado,

revelam outros modos de ver,

outros modos de agir,

outros modos de sentir,

Corpoescrevente.

Zoiar.

tentativas nos traços,

nos trajetos,

nos gestos.

Nos movimentos do corpo.

Formas de escrever,

formas de se expressar sem palavra,

tentativa,

experiência rastros de aprendizagem

sempre situada,

sempre aberta,

sempre em movimento.

PONTO

Um único ponto de partida... .

Um ponto, que puxa outro e mais outro e mais um...,
os pontos acoplados viram corrente e se multiplicam.

Um ponto leva a outro.

E mais um.

E mais um.

Não há ponto de partida.

Há acoplamentos.

Há linhas em rede.

Há silêncios que gritam.

Um ponto

micro, quase nada

se retorce.

Se estica.

Tenta, tenta.

E, de repente, vira linha.

LINHA

que não para.

Que se enrola.

Que se emaranha.

Que me leva a rememorar pontos em reticências.

Revivo afetos.

Sou afetada

Não uma explicação.

Um vestígio.

Um achado com ...

TEIAS

Teias embaralhadas.

Pensamentos que tropeçam.

Feitos e refeitos.

Escritos e rescritos.

Como a vida.
Cheia de retrocessos.
Cheia de alinhavos.
Cheia de escolhas e renúncias.
Como a escrita.

IMAGENS

Elas estão aqui.
Elas estão aí
Amontoado.
Mapas traçados à mão.
Fotografias que não cabem em molduras
Vídeos.
Gravações
O tempo suspenso em fita.
Produzidos por alguma *presença-próxima...*
Tudo junto,
tudo misturado.
Tentativas.
Persistências.
Ali: uma aproximação.
Aqui: um chamamento.
Uma descoberta.
Um silêncio que pesa.
Uma conversa interrompida.
Não são documentos.
Não são provas.
São *rastros*.que nos atravessam
e
nos convocam a escrever.
Deixar que façam *rede*.
como quem risca no chão uma linha
um traço errante,
uma trajetória que não quer chegar,

mas permanecer acontecendo.

As imagens como *duração fora do tempo*,

como travessuras impessoais que não servem para representar,

mas para provocar.

É quase bergsoniano (a duração),

mas atravessado pela força deleuziana da imagem-tempo — que não é cronológica, mas intervalo,

fissura,

acontecimento.

os registros de imagens não são simples capturas.

São meios para dar corpo a uma duração fora do tempo.

Um tempo que não se mede em relógio.

Uma temporalidade sem orientação definida

Errância,

desvio,

travessura.

Travessuras impessoais.

Olhares que não olham para nada.

Linhas que não conduzem a destinos.

As imagens potências.

Intensidades que envolvem,

fendas que disparam problemas,

aberturas que deslocam o espaço,

ocupações que também nos ocupam,

que nos devolvem o olhar.

Não são arquivos.

São disparos.

Não são registro do que já passou.

Presença insistente, acontecimentos que reverberam,

e nos colocam movimentos.

MULTIPLICIDADES

Multiplicidade de forças,
desejos e presenças.
Próximas. E Distantes.
Entre elas, um excesso.
Excesso de perguntas que não buscam resposta.
Excesso de reflexões que não pretendem concluir.
Excesso de imagens que se acumulam sem se fixar.
Afetos que atravessam.
Perceptos que se instalam.
Sensações que não servem para nada.
Nada e, ainda assim, tudo.
Tudo na insistência de um devir.
Tudo no movimento ...
Algumas. se multiplicam de novo.
Escapam ao enunciado.
Fogem ao inventário.
O excesso é o que resta. É o que insiste.
É o que não se deixa conter.

APRENDÊNCIAS

Com Deligny.
Com seus mapas de errâncias.
Com corpos em vacância de linguagem.
Reaprendo a caminhar na educação.
Reaprendo a olhar.
Cartografia do olhar: tentativa de desenhar o que não se explica
Não palavras, mas de traços
Não discursos,
mas de linhas..
As imagens das crianças-autistas.
Não dados.
Não diagnósticos.
Vestígios.

Desvios.
E todo ponto de vista é apenas isso: um ponto.
Olhar-para-nada.
Ver que não representa.
Ver que abre.
Ver que desloca.
Encontros e rastros.
Ali, o autismo como etnia singular.
Modo outro de existir.
Corpos que falam sem palavras:
pelo zóiar,
pelo gesto,
pela sensação que não alcanço, mas que me alcança.
Percebo
Afirmo espaços de errância.
Errâncias que são da vida.
Que criam.
Que diferenciam
Que inventam aprendizagens.
Agir para nada
E, ainda assim, agir.
E-existir.

ZOIAR

Zoiar, a experiência de ver como ação,
como duração,
como intensidade que não se submete à linguagem ou ao tempo cronológico.
ponto de ver zóia
Saberes constituídos
colocados em xeque-mate.
Zoiar infinitivo.
Ruptura permanente
Mundo todo palavra
Mundo todo

linguagem audível
Ponto de ver = zoiar
não apenas ver
olhar específico
Olhar interminável
tempo ≠ nosso tempo.
Tempo que não se conjuga tempo
que atravessa.
Tempo que toca.
Tempo que persiste.
Olhar que atravessa,
que toca,
que persiste.
Linhas que não buscam sentido.
Linhas que são movimento.
Linhas que são acontecimento
zoiar = intensidade
zoiar = duração
zoiar = potência de existir
zoiar = abrir fendas
zoiar = ponto de ver que se dispersa

REFERÊNCIAS

DELIGNY, F. **O Aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1, 2015.